

O ENFRENTAMENTO DA MORTE EM UMA EMERGÊNCIA PEDIÁTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**ESTEFÂNIA DE OLIVEIRA DUTRA¹; MARIANA DOMINGOS SALDANHA²; ALINE
LEAL DE OLIVEIRA³; RAQUEL VON AMELN⁴; TAMIRIS LUDWIG WIETH⁵;
JOSIELE DE LIMA NEVES⁶.**

¹Acadêmica do 6º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Membro do Projeto de Extensão Aprender/Ensinar Saúde Brincando. E-mail: fanidutra@gmail.com

²Acadêmica do 6º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: marianadsaldanha@hotmail.com

³Acadêmica do 6º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: lileal.martins@gmail.com

⁴Acadêmica do 6º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: raquel-praia@hotmail.com

⁵Acadêmica do 6º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: tamiriswieth@hotmail.com

⁶Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: josiele_neves@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A morte infantil é um dos maiores problemas enfrentados pela saúde pública, mesmo com os avanços da medicina e uma redução significativa na taxa da mortalidade infantil no Brasil nos últimos anos. Está intimamente ligada às condições socioeconômicas e ambientais a que a criança está exposta. Estima-se que no Brasil a mortalidade infantil poderia ser reduzida em mais 70% apenas com cuidados básicos como: saneamento básico, educação, higiene e amamentação (ESTADO DA AMAZONIA, 2010).

Durante a formação acadêmica, a fundamentação teórica é muito trabalhada, para ensinar a lidar com as diversas situações que podem surgir durante a vida profissional. A formação do enfermeiro é direcionada não apenas para a correta realização de procedimentos técnicos e/ou a correlação do processo de enfermagem com as variadas patologias, mas também para observar o ser humano de uma maneira holística.

Assim, os profissionais da área da saúde precisam estar preparados para auxiliar àqueles que vivenciam a morte, sendo assim, o ideal é que recebam suporte emocional através de constante discussão sobre a temática (HOHENDORFF; MELO, 2009). No Brasil, desde a década de 80 iniciou-se o desenvolvimento de estudos sobre o tema, como exemplo: “A morte e os Mortos na Sociedade Brasileira” que posteriormente originou um livro com o mesmo título, sendo pioneiro no assunto (KOVACS, 2008). Embora a morte seja um fenômeno tão natural quanto o nascimento, ela ainda é incompreendida e inadmissível por várias pessoas, sendo assim, vivenciar e entender o processo de morrer durante a graduação é importante, pois auxilia na compreensão deste processo.

Ao respeito, destaca-se que a ausência de diálogo efetivo e preparo emocional sobre morte durante a vida profissional pode ocasionar sobrecarga e causar sofrimento, além do aparecimento de doenças como a depressão (COSTA; LIMA, 2005). Este trabalho aborda que os próprios alunos da graduação de enfermagem,

não possuem informações suficientes ou até mesmo não sabem como lidar com o processo da morte e morrer, ainda mais quando isso acontece com crianças.

Embora esta temática esteja presente na vida profissional, ainda é pouco discutida durante a graduação, fato que pode favorecer a instabilidade emocional quando presenciada. Pode-se vincular esta dificuldade à negação da morte no contexto da vida, até que este fim se estabeleça às pessoas. Além disso, vivências relacionadas à morte de crianças refletem a fragilidade quanto a própria finitude e o lidar com a família durante uma morte prematura caracteriza-se como uma difícil tarefa. Com base nestas informações, objetivou-se neste estudo fazer uma reflexão sobre a experiência de acadêmicos de enfermagem ao presenciar a morte de uma criança em uma emergência pediátrica.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato sobre a experiência de presenciar a morte de uma criança em uma emergência pediátrica, localizada na cidade de Pelotas. A vivência ocorreu no primeiro semestre de 2015, durante o estágio curricular da disciplina: Unidade do Cuidado de Enfermagem VI, no sexto semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. O estágio é realizado semestralmente e tem uma duração de 60 horas, sendo prestado atendimento assistencial de enfermagem nas situações de urgência e emergência sob responsabilidade de um enfermeiro supervisor.

O estudo tem a pretensão de gerar discussões sobre a vivência da morte pediátrica, que ainda é incipiente na área acadêmica. Para isso, é necessário valorizar e estudar sobre a temática para desenvolver habilidades que auxilie nas situações de morte, para posteriormente prestar apoio adequado à família.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do desenvolvimento do estágio curricular a enfermeira supervisora foi solicitada para apoiar a equipe da emergência pediátrica em um atendimento a uma criança que chegou na emergência pediátrica em Parada Cardiorrespiratória (PCR). Ao chegar na emergência, as acadêmicas de enfermagem observaram que a criança já estava sendo atendida e recebendo as manobras de Ressuscitação Cardiopulmonar (RCP) - compressão cardíaca, ventilação e administração de medicamentos, conforme orientação da médica plantonista.

Durante o atendimento da equipe - composta por duas médicas pediátricas, um residente pediátrico, uma enfermeira e três técnicas de enfermagem, foi observado que enquanto passavam-se os minutos os profissionais compartilhavam olhares e expressões faciais que demonstravam preocupação. Após vários minutos de RCP e, sem nenhuma resposta cardíaca, a equipe médica resolveu interromper as manobras de ressuscitação. Neste momento, ficou explícito a expressão de tristeza dos profissionais, alguns até mesmo exteriorizaram seus sentimentos e não conseguiram conter a emoção.

Enquanto isso, as médicas convidaram os pais - que antes aguardavam em uma sala com duas assistentes sociais, para conversar em uma sala reservada. Após a notícia do falecimento, os pais desesperadamente viveram aquele momento triste e, para permitir privacidade à eles, a equipe se manteve distante.

O desespero e a impotência em relação à morte prematura geraram instabilidade emocional. Por sua vez, a enfermeira supervisora acompanhou as acadêmicas a uma

sala para que pudessem se restabelecer, orientando-as que são situações que ocorrem no cotidiano e que não estavam preparadas para lidar, sendo uma experiência que alguns acadêmicos não chegam a presenciar durante a graduação. Ainda, ressaltou que ao trabalhar, há aqueles que não sabem como lidar com a morte pediátrica, por isso, é importante passar por momentos como este na graduação para adquirir coragem e entendimento sobre a importância do apoio da enfermagem em situações críticas.

Dentre os processos de morte proposto por Elizabeth Kübler-Ross foi presenciado a negação da morte do filho, pelos pais, logo que receberam a notícia do falecimento. A negação é a fase em que o paciente ou os familiares não aceitam o processo de morte, muitas vezes optando por não falar no assunto, como forma de defesa (SUSAKI; SILVA; POSSSARI, 2006).

Embora seja um momento difícil para os profissionais, a união entre equipe médica, de enfermagem e serviço social deve prevalecer. Esta prática foi presenciada durante todo o procedimento. O ideal seria o serviço dispor de apoio psicológico para dar suporte aos familiares durante o processo.

Contudo, o enfrentamento do processo de morte pelos acadêmicos é um misto de sentimentos, medo, tristeza, angústia e sensação de impotência, pois uma das grandes atribuições da graduação é poder contribuir para salvar vidas. Ao se deparar com o fim da vida de uma criança, o acadêmico passa a empregar sentimento de conformação como defesa e proteção. Esta é uma situação de difícil manejo, tanto para acadêmicos quanto para os profissionais, após esse entendimento o acontecimento passa a ser considerado um processo normal da vida (PEREIRA, 2014).

4. CONCLUSÃO

Enquanto discentes de enfermagem, considera-se que o maior benefício deste trabalho consistiu-se na oportunidade de discutir sobre o tema “morte” que está muito presente no cotidiano do profissional de enfermagem. A partir disso é de extrema importância que esse tema seja mais discutido durante a graduação, para os acadêmicos aprenderem a conviver com esta realidade e, assim, facilitar este enfrentamento psicológico quando for o enfermeiro responsável pelo caso, sem comprometer o atendimento ao paciente e sua família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, J.C.; LIMA, R. A. G. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.13, n. 2, p. 151-157, 2005.

ESTADO DO AMAZÔNIA. A Amazônia e os objetivos do milênio: reduzir a mortalidade infantil. p.37-41, 2010. Acessado em 20 jul. 2015. Online. Disponível em:http://amazon.org.br/PDFamazon/Portugues/livros/16351805_mortalidade_infantil-pdf.pdf

HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p. 480- 492, 2009.

KOVACS, M.J. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, v.18, n. 41, p. 457-468, 2008.

PEREIRA, F. C. S. de M. et. al. Acadêmico de enfermagem frente a morte no campo de prática hospitalar. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 4, p. 124-130, out. nov. dez., 2014.

RIBEIRO, D. B.; FORTES, R. C. A morte e o morrer na perspectiva de estudantes de enfermagem, **Revisa**, v.1, n. 1, p. 32-39, 2012.

SUSAKI, T. T.; SILVA, M. J. P.; POSSARI, J. F. Identificação das fases do processo de morrer pelos profissionais de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, p. 144-149, 2006. Acessado em 20 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf>